



**RITA FERNANDA FERRAZ BRAZ**

**BRINCANDO SE FAZ MÚSICA: MEMÓRIAS E ESTUDOS SOBRE  
UMA EDUCAÇÃO MUSICAL INFANTIL**

**INCONFIDENTES - MG  
2016**

**RITA FERNANDA FERRAZ BRAZ**

**BRINCANDO SE FAZ MÚSICA: MEMÓRIAS E ESTUDOS SOBRE  
UMA EDUCAÇÃO MUSICAL INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito para aprovação no curso de Especialização em Educação Infantil no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – *campus* Inconfidentes, para a obtenção do título de Especialista em Educação Infantil.

Orientador: Prof. Me. Luís Carlos Negri

**INCONFIDENTES - MG  
2016**

**RITA FERNANDA FERRAZ BRAZ**

**BRINCANDO SE FAZ MÚSICA: MEMÓRIAS E ESTUDOS SOBRE  
UMA EDUCAÇÃO MUSICAL INFANTIL**

**Data da Aprovação: \_\_\_\_ de Maio de 2016**

---

**Orientador: Professor Me. Luís Carlos Negri.  
IFSULDEMINAS, *Campus Inconfidentes***

---

**Membro 1: Professora Dra. Lidiane Teixeira Xavier  
IFSULDEMINAS, *Campus Inconfidentes***

---

**Membro 2: Professora Ma. Paula Inácio Coelho  
IFSULDEMINAS, *Campus Inconfidentes***

Dedico este trabalho à minha família, que me ensinou a enxergar a música de um jeito diferente e único: à minha mãe, por me mostrar que não são necessárias as teclas para se fazer música; a meu pai, por me mostrar que só conseguimos o que almejamos quando persistimos; à minha irmã Tati, companheira de toda a minha formação musical e ao meu marido, Gilberto, por ter tornado possível a concretização de meu sonho musical.

É sempre muito bom fazer música com vocês!

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por me abençoar com o dom da vida e sabedoria.

À minha família: à minha mãe Lúcia, meu pai Francisco e minha irmã Tatiane, pessoas iluminadas, que posso chamar de anjos, que não poupam esforços para me fazer sorrir. Vocês são a minha luz!

Ao meu orientador Luís Carlos Negri, pela doação plena em suas orientações e por todo o conhecimento proporcionado.

Aos meus eternos amigos e professores da faculdade, exemplos de seres humanos musicais, que me permitem acreditar, sim, na educação musical.

A todos os colegas e professores da pós-graduação em educação infantil, por todo o conhecimento e troca de experiências.

A todos os meus alunos, que me proporcionam diariamente o contato sensível com a música, adquirindo experiências novas a cada dia.

Ao Gilberto, minha vida de amor: só cheguei aqui porque tive você ao meu lado!

A todos, os meus sinceros agradecimentos!

*Minha Música*<sup>1</sup>  
(Adriana Calcanhotto)

*Minha música não quer ser útil  
Não quer ser moda, não quer estar certa...*

*Minha música não quer ser bela, não quer ser má.  
Minha música não quer nascer pronta...*

*Minha música não quer redimir mágoas nem dividir águas  
Não quer traduzir, não quer protestar...*

*Minha música não quer me pertencer  
Não quer ser sucesso, não quer ser reflexo,  
Não quer revelar nada...*

*Minha música não quer ser sujeito  
Não quer ser história, não quer ser resposta,  
Não quer perguntar...*

*Minha música quer estar além do gosto  
Não quer ter rosto, não quer ser cultura...*

*Minha música quer ser de categoria nenhuma  
Minha música quer Só ser música  
Minha música...  
...Não quer pouco!*

---

<sup>1</sup> CALCANHOTTO, Adriana. **Minha Música**. Disponível em: <https://letras.mus.br/adriana-calcanhotto/87106/>  
Acesso em: 06 de Janeiro de 2016 às 10h.

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo discutir a música na escola, em meio às diferentes práticas que são desenvolvidas na educação infantil. A princípio, são descritas as memórias musicais da autora enquanto aluna e atualmente como educadora musical; em seguida, são apresentadas as principais influências e pessoas que a incentivaram a estudar a música. Posteriormente, a autora apresenta memórias da música na escola, refletindo sobre as suas primeiras aulas, seus professores e colegas, em meio a diferentes maneiras de fazer e ensinar música. Por fim, são apresentadas algumas diferentes práticas de educadores musicais da educação infantil, que foram levantadas através de pesquisa bibliográfica.

**Palavras-Chave:** música; educação infantil; educação musical.

## **ABSTRACT**

This study aims to demonstrate and discuss music at the school environment regarding different approaches that are developed in children education. At first it is described the author's musical memories while being a student and after her impressions as a musical educator. It is also described her main influences and the most important people who encouraged her to study music. Then, the author presents memories about music in school, reflecting about her first classes, her teachers and colleagues, analyzing the different ways of creating and teaching music. Lastly it is presented some different practices performed by musical educators in children education which have been raised through literature.

**Key-words:** music; children education; musical education.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
1. MINHAS MEMÓRIAS MUSICAIS .....	12
2. A MÚSICA NA ESCOLA.....	19
3. A MÚSICA E OS AUTORES .....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS .....	43

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho resulta da reflexão sobre o ensino musical visto através de memórias de minha infância e relatos do desenvolvimento musical até a minha formação específica na área, como professora licenciada em Música. Durante este percurso, pretende-se analisar os fatores que, através da educação musical, contribuíram para meu desenvolvimento integral, ou seja, os aspectos cognitivos que são despertados em crianças da educação infantil ao estudar a Música.

No desenvolver desse trabalho serão apresentadas, em forma de memorial, minhas vivências musicais, desde o meu primeiro contato com um instrumento até os dias atuais, como educadora musical. Refletir sobre os diferentes métodos de ensino e aprendizagem da música, bem como descobrir e analisar o modo como ela está inserida em nossas salas de aula atualmente, é o que me move a desenvolver este estudo.

Sabemos que, desde os tempos mais antigos, a música se faz presente nas diversas manifestações do ser humano e, como percebemos, dia após dia vem se tornando imprescindível para a formação de crianças e adolescentes, contribuindo para um maior desenvolvimento intelectual, motor e até mesmo psicológico dos envolvidos nesse processo.

Estudos apontam que educadores musicais como Brito (2003, p. 10) trabalham a música em suas diferentes faces frente à sala de aula (trabalhos com instrumentos musicais e sonoros e sua confecção; diferentes trabalhos com a voz; integração de sons e movimentos, dentre outros) e obtêm resultados muito satisfatórios no que diz respeito à sua interação e envolvimento com essa linguagem artística. De acordo com a autora citada acima, as crianças são seres brincantes e se transformam em sons ao interagirem com a música.

As vivências pré-profissionais e o contato com os referenciais teóricos aqui relatados levaram-me a questões fundamentais que orientam este estudo: De que forma a música está presente nas salas de aula atualmente? Quais as melhores maneiras de trabalhá-la na educação infantil? Existe essa melhor maneira?

O objetivo deste estudo é analisar e refletir sobre estas questões, especificamente na educação infantil - faixa etária em que as crianças estão mais abertas às novidades e reagem de maneira bastante receptiva a essa linguagem artística, convivendo com ela diariamente, de uma maneira ou de outra. Ademais, buscarei, através de minhas memórias, propor reflexões que auxiliem para uma educação musical potencializadora e efetiva dentro das escolas.

Considero como hipóteses que diversos são os benefícios proporcionados às crianças da educação infantil ao trabalhar a música frente à sala de aula, como o desenvolvimento da coordenação motora, o desenvolvimento auditivo, a concentração e atenção. Todos, de uma maneira ou de outra, têm acesso a essa produção artística, que faz parte de nossa cultura, e convivem com ela diariamente. Usar a música como uma aliada em sala de aula é uma parceria potencialmente eficaz, visto todos os aspectos cognitivos que ela desenvolve em cada um e, ao refletir sobre essas contribuições, procuraremos contribuir para uma educação musical e infantil de melhor qualidade.

Falar neste assunto chama-me a atenção pois, como educadora, percebo que na prática ainda falta muito para que a música seja verdadeiramente incorporada às salas de aula. Muitos são os obstáculos a serem ultrapassados para que este trabalho venha trazer os diversos benefícios aos nossos alunos e proporcione-lhes o melhor que o ensino da Música traz consigo.

## **1. MINHAS MEMÓRIAS MUSICAIS**

Antes de iniciar o estudo sobre a relação da criança com a música, acredito ser importante falar brevemente sobre a minha relação enquanto aluna e atualmente como educadora musical, e também as influências e pessoas que me motivaram e me incentivaram a estudar esta arte. Isto porque acredito ser importante comparar alguns aspectos que eram relevantes ao estudar Música há alguns anos com o modo com que ela está presente nas salas de aula atualmente, além de destacar as diferentes abordagens utilizadas no ensino da mesma, frente às suas diferentes possibilidades e desafios.

Expressar a importância da música em relação à minha formação profissional remete-me, antes de tudo, a falar da música em relação à minha vida, à sua influência sobre mim nos seus diversos aspectos: social, emocional e profissional. Há muito venho exprimir sobre uma das mais belas linguagens artísticas – a música - e também há muito é minha relação com ela.

Tudo começou quando, aos sete anos de idade; sem sequer conhecer os primórdios da leitura e da escrita, deparei-me com o canto coral, numa capela de São Roque, no bairro Furnas, da cidade de Bueno Brandão – Minas Gerais, onde eu morava. Desde o primeiro contato com essa experiência, eu e minha irmã, na época com cinco anos, encantamo-nos pela música. Participar daquele grupo de cantores seria um sonho! Era tudo lindo! Devido à pouca intimidade com a leitura e a escrita, já que éramos muito novas,

defrontamo-nos com um primeiro desafio: “Seria possível participar deste coral já que não sabíamos ao menos ler”?

Movidas pelo desejo de cantar, conseguimos participar deste grupo, já que certo “anjo” em nossas vidas, ao qual chamamos de mãe, encontrou a solução: ela entraria para o coral junto conosco e nos auxiliaria com as letras e em tudo de que precisássemos: ela ensaiaria conosco em casa e cantaria quantas vezes fosse necessário para que decorássemos a letra para poder cantar. E assim se fez. Desde que comecei a participar do coral, não consegui parar de cantar. Esta é uma prática que até hoje faz parte da minha vida e que, sem ela, posso dizer que deixa mais triste meu mundo. De acordo com Amato:

O canto coral configura-se como uma prática musical exercida e difundida nas mais diferentes etnias e culturas. Por apresentar-se como um grupo de aprendizagem musical, desenvolvimento vocal, integração e inclusão social, o coro é um espaço constituído por diferentes relações interpessoais e de ensino aprendizagem, exigindo do regente uma série de habilidades e competências referentes não somente ao preparo técnico musical, mas também à gestão e condução de um conjunto de pessoas que buscam motivação, aprendizagem e convivência em um grupo social (AMATO, 2007, p. 1).

Sabemos que trabalhar com a música para que um resultado significativo seja alcançado, assim como nas diferentes áreas da educação, exige comprometimento e dedicação por parte dos envolvidos. Minha experiência com o canto coral mostra-me, a cada dia, que as sementes da dedicação e do comprometimento foram plantadas desde essa primeira experiência musical, ainda sem saber ler e escrever corretamente, através de uma doação de carinho enorme, indescritível, demonstrada no simples ato de minha mãe, mencionado anteriormente.

Helena, Nuno e Paulo, a respeito do ensino da Música na infância, destacam: “Os pais são, pois, colaboradores imprescindíveis nessa procura de conhecimento mais profundo acerca do impacto da criação artística para a infância” (2013, p. 60). A importância desta colaboração exprime-se, ainda, desde o nascimento do bebê, tornando-se fundamental para seu desenvolvimento.

A comunicação pré-verbal que se estabelece entre pais e filhos é não só fundamental em termos linguísticos como também uma importante fonte de estimulação musical. Isto é, pequenas brincadeiras que os pais estabelecem com os seus bebês – como

cantar, dançar, dar palmadinhas, jogar com sons variados – são a base da comunicação emocional, mas também as primeiras lições na aquisição de competências linguísticas e musicais (RODRIGUES; ARRAIS; RODRIGUES, 2013, p. 45).

No que diz respeito à experiência musical, a interação de minha mãe comigo e com minha irmã, bem como sua real preocupação em nos proporcionar a aproximação com o mundo da música – canto coral – propiciando-nos vivências musicais diárias, através da escuta e prática do canto em si, abriu-nos um novo olhar para essa arte, construindo os primeiros saberes e conhecimentos a respeito dela, além de edificar nossa bagagem cultural:

Pois a experiência musical ocorre na interseção entre indivíduo e música, na interação entre vivências, memórias, preferências, idiosincrasias e padrões psicodinâmicos resultantes das combinações sonoras. As crianças mergulham na escuta com uma prontidão que não é simplesmente do ouvido, mas do corpo, da mente e do afeto (FRANÇA, 2013, pp. 33-34).

Logo após este primeiro contato com a música através do canto, a vontade de tocar um instrumento surge. Eis que inicio minhas aulas de teclado, que eram realizadas uma vez por semana, numa cidade próxima de onde morávamos, a cidade de Inconfidentes – Minas Gerais, local onde resido atualmente. Aqui, não poderia deixar de citar, além de todo o apoio de minha mãe, o comprometimento e atenção de meu pai, que também não media esforços para que o sonho de tocar um primeiro instrumento fosse realizado. Recordo-me que, toda semana, ele deixava de fazer o seu ofício para me levar até a cidade vizinha, onde eu realizava as aulas de Música. Esperava-me uma hora, ou enquanto durasse a aula, para depois voltarmos a casa, e ele, então, continuar com seu serviço. Como não chamá-lo também de anjo?

Conforme continuei com as aulas, eis que surge um segundo desafio: a falta do instrumento para a prática em casa. Na época, as condições em que vivia com minha família eram financeiramente desfavorecidas, e comprar um instrumento como o teclado era praticamente impossível.

Parar com as aulas? Abandonar a música pela falta do instrumento para treinar? Nunca! Mais uma vez, meus “anjos” que não poupam esforços para ver seus filhos felizes ‘deram um jeitinho’: tiveram a ideia de desenhar as teclas do teclado numa folha e colar sobre a mesa. Isso mesmo! Era assim que eu treinava minhas músicas: batendo os dedos o dia todo

sobre um desenho do teclado colado sobre a mesa. Depois de alguns anos, acabei por conseguir o meu primeiro teclado. A partir daí, bater os dedos sobre as teclas produzia sons! Era mágico! França, a respeito da individualidade e relação de cada criança com a música, aduz que:

O processo educacional resulta mais efetivo quando se torna sensível à individualidade da criança. Devemos manter constante vigilância, perguntando-nos sempre: “o que há de desenvolvimento revelado nos movimentos, nos desenhos, nos adjetivos expressos pelas crianças?”; “o que elas estão apresentando espontaneamente e também de maneira assistida?”; “O que há de aprendizado brotando das experiências?” (FRANÇA, 2013, pp. 33-34).

De acordo com as palavras da autora, esse “aprendizado que brota das experiências” não pode, em hipótese alguma, ser deixado de lado, pois é ele quem carrega as características musicais particulares de cada criança, tornando o processo de aprendizagem sensível às características de cada um. O fato de bater os dedos sobre a mesa, num simples desenho das teclas do teclado, elaborado e desenhado com todo carinho por meus pais, faz-me pensar em perguntas como: “Seria possível aprender desta maneira?”; “Que contribuições musicais esse simples desenho poderia desenvolver numa criança?”; “Seria uma experiência válida para o meu conhecimento musical”?

São questões como estas que me instigam dia após dia a conhecer os diferentes modos do ensino musical no meio em que vivemos. Cada criança aprende de uma forma e, conforme citado acima, a contribuição dos pais na aquisição do conhecimento musical, bem como qualquer tipo de conhecimento, é imprescindível. Eles são o alicerce da criança. Refletindo sobre o simples desenho de meus pais, penso que talvez, se não o tivesse para treinar as minhas músicas em casa, talvez tivesse desistido de estudá-la, e hoje sequer conheceria a Música.

Percebo que este simples ato de meus pais foi, com toda certeza, um verdadeiro ato pedagógico, mesmo que eles não tivessem nenhum conhecimento técnico ou aprofundado sobre o ensino ou a prática musical. Isso mostra que a música torna-se uma linguagem acessível a qualquer pessoa quando pensamos em seu lado sensível.

A partir daqui, estudar música foi se tornando algo primordial em minha vida. Alguns anos depois, com a intenção de me aprofundar nesta linguagem e conhecer diferentes instrumentos musicais, matriculei-me no Conservatório Estadual de Música Juscelino Kubitschek de Oliveira (CEMJKO<sup>2</sup>), na cidade de Pouso Alegre, Minas Gerais. Estudei quatro anos nesta escola, juntamente com a minha irmã, e foi lá que o ideal de aprofundar meus estudos nesta linguagem artística intensificou-se.

No CEMJKO pude mergulhar no maravilhoso mundo da música, das melodias clássicas e populares, das semibreves e colcheias, da música instrumental e cantada, da prática individual à prática numa orquestra, enfim, em suas diversas faces e modos de se mostrar. Treinar uma, duas, três ou quatro músicas em casa, no violão clássico – instrumento que aprendera a tocar nesta escola - era festa para mim! Não via a hora de terminar uma música para conhecer outra nova.

Ao finalizar o Ensino Médio, não tinha dúvidas: era faculdade de Música que eu iria fazer. Já pensou? Trabalhar com música! O que me move hoje e me moveu desde bem pequena! Levar uma boa melodia por onde passasse, despertando nas pessoas ao menos um sentimento bom! Seria um sonho! E não é que fiz mesmo? Formei-me em Licenciatura em Música, com habilitação em Violão Popular na UNINCOR<sup>3</sup> – Universidade Vale do Rio Verde, em Três Corações, Minas Gerais. Minha grade curricular permite-me, além do violão, trabalhar também com o teclado - meu primeiro instrumento -, a flauta doce e o canto. Instrumentos com que, hoje em dia, lido constantemente.

Percebo aquela pequena semente musical começar a brotar, através das minhas aulas de música. Há dois meses, criei uma escola de música: a Escola de Música Sol Maior. É um sonho para mim, do qual me orgulho. Poder ver o sorriso ostentado no rosto de uma criança ao finalizar uma canção de Beethoven ao teclado ou então ouvir: “Toca de novo,

---

<sup>2</sup> O CEMJKO – Conservatório Estadual de Música Juscelino Kubitschek de Oliveira – é uma instituição de ensino musical, situado na cidade de Pouso Alegre com 60 anos de atividade. É um dos 12 conservatórios de Minas Gerais, sendo um dos maiores e mais conhecidos. Disponível em: <http://conservatoriopa.blogspot.com.br/> Acesso em: 06 de Janeiro de 2016.

<sup>3</sup> A UNINCOR – Universidade Vale do Rio Verde – foi fundada em Três Corações, completando mais de 50 anos de história e tem destaque entre as instituições de ensino da região. Seu curso de Música EaD é o único do país com habilitação em instrumentos. Disponível em: <http://www.unincor.br/index.php/institucional/unidades/tres-coracoes> e <http://ead.unincor.br/curso/musica/> Acesso em: 06 de Janeiro de 2016.

professora!"; “Essa semana eu consegui fazer uma pestana no violão!” são gestos e palavras simples, mas repletos de significado.

O modo com que cada criança relaciona-se com a música, tomando-a para si, é algo mágico. Observar a relação delas com a música é encantador. Parece que a sintonia que as liga – criança e música – é algo nato, pronto. Sabemos que as crianças relacionam-se com a música o tempo todo e de inúmeras maneiras, como já dito anteriormente. A esse respeito, Ilari e Broock afirmam que:

A música está presente na vida delas de inúmeras maneiras – do bebê que move o corpo ao som de uma canção conhecida, da criança pequena que inventa uma canção ao embalar o urso de pelúcia à outra que dança, imitando os gestos de sua banda de axé favorita. Outras crianças participam de programas de educação musical formal, sendo expostas, de maneira mais direta, às formalidades e regras da música. Essas crianças demonstram que não estão apenas aprendendo a música – formal ou informalmente -, mas que estão desenvolvendo habilidades musicais e extramusicais por meio das experiências. Assim, ao pensarmos na música na educação infantil, imediatamente pensamos em desenvolvimento musical (ILARI; BROOCK, 2013, pp. 7-8).

Pacheco, complementando esses dizeres, acrescenta que:

Não é de hoje que pesquisadores e professores das muitas músicas que nos circundam vêm debatendo e refletindo sobre suas mais diversas práticas. No âmbito da educação musical infantil não é diferente, uma vez que bebês e crianças estão fazendo música e brincando com ela em seu cotidiano. Elas cantam sozinhas ou em grupo, tocam um instrumento musical ou uma latinha, dormem acalantadas por seus pais, dançam ouvindo diferentes tipos de músicas, brincam de jogos de mãos, envolvem-se com músicas, independentemente do contexto, da cultura, da classe-social ou da idade. (...) fazendo e brincando com música, se desenvolvem não só musicalmente, mas em outros aspectos também (...) a reflexão sobre esses fazeres pode ter contribuído para que o desenvolvimento musical tenha se configurado como uma das principais linhas de pesquisa da psicologia da música e dos estudos da cognição musical (PACHECO, 2013 pp. 69-70).

Posso dizer que me relacionei a vida toda com a música e que, durante todo esse tempo, as transformações que essa arte proporcionou-me e continua me proporcionando são imensuráveis. Durante o meu estudo, pude me deparar com diferentes professores, diferentes instituições de Música e diferentes métodos de ensino. Cada um com suas características e especificidades.

Hoje em dia, em meio às diversas possibilidades e desafios de se trabalhar a música frente a uma população mesclada com diferentes bagagens culturais, desenvolver este trabalho desafia-me. Desafia-me a observar e questionar, embasada em estudos voltados à área da educação musical, o modo como a música está presente na sala de aula.

França, doutora em Educação Musical pela Universidade de Londres e autora de diversas obras para o ensino da música, em seu trabalho intitulado *Uma borboleta nas teclas do piano: significado e desenvolvimento musicais* afirma:

[...] se a música tiver que estar na escola, que não seja subvertida em notas e sufocada em cronogramas; que não se corrompa à facilidade das teorias, claves e colcheias. Se a música tiver que estar na escola, que seja pelo seu potencial de converter experiências com sons em oportunidades de articulação expressiva e simbólica. Que conserve sua essência, tornando-se, fortuitamente, símbolo de nós mesmos (FRANÇA, 2013, p. 34).

Será que os professores, especificamente na educação infantil – público-alvo desta pesquisa - têm conhecimento sobre as músicas com que trabalham diariamente? E qual é a formação deste professor? Há algum apoio por parte da legislação? E por parte de cada escola? Como conservar a essência da música, tornando-a “símbolo de nós mesmos”?

Deparo-me com questões como estas diariamente, e a busca por uma resposta soa constantemente em meus ouvidos. Este trabalho objetiva responder estas perguntas e também apresentar uma discussão frente ao modo com que a música apresenta-se na educação infantil, bem como apresentar algumas sugestões para tal, com base em trabalhos bem sucedidos, realizados por diversos educadores musicais no ambiente escolar.

## **2. A MÚSICA NA ESCOLA**

Recordo-me como se fosse hoje das minhas primeiras aulas de música: a voz suave de minha primeira professora cantarolando as notas musicais de cada uma das músicas que eu estava aprendendo, só para ir memorizando a melodia, o ritmo e a leitura musical. Ah, como era bom chegar à escola de música e, ainda nos corredores, ouvir sua voz! Era como se, a cada semana, a cada aula e pelo simples fato de ouvi-la cantando, aumentasse ainda mais o desejo por esta linguagem da arte.

Como isso colaborou para meu aprendizado musical! Foi vivenciando a música desta maneira que pude conhecer os primórdios da teoria musical, sem sequer saber que o estava fazendo. A cada nova melodia cantada pela professora, novos conhecimentos musicais eram aprendidos, na medida certa. Ela conhecia o meu tempo de aprender e de assimilar os conteúdos musicais, e eu sentia que todas as suas aulas eram preparadas exclusivamente para mim. De acordo com Maffioletti:

Conhecer a criança e o seu modo de interpretar o mundo é essencial ao ato de ensinar. Nessa perspectiva, a tarefa de ensinar é, antes de tudo, compreender e acolher a criança e o seu contexto, envolvendo-se nele como condição para entender o seu significado. Na acepção mais simples e ao mesmo tempo mais profunda, compreender a criança é entender suas buscas e intenções, para organizar as ações de ensinar considerando o contexto e as relações da criança com o saber musical (MAFFIOLETTI, 2013, p. 131).

Aprender o meu primeiro instrumento musical – o teclado – e ter meus primeiros conhecimentos sobre música foi um processo encantador. Eu sentia vontade de estar nas aulas, de ouvir a professora cantarolando as lições preparadas para mim, enfim, de aprender música. Mas por quê? Ela fazia com que o processo de educação musical fosse apresentado a mim da melhor forma possível. Sua didática de ensinar era, como mencionado acima, um ato sensível. E isso era claramente perceptível: na maneira de ela cantar tudo à sua volta, de andar, de fazer e de me ensinar música de um jeito único, da mesma forma como fazia com cada um de seus alunos.

O ato sensível da música era-me apresentado e demonstrado a cada aula, a cada ensaio, a cada semana e a cada música. E essa sensibilidade era visível em muitos outros atos: no perceber que cada aluno é diverso, possuindo capacidades de absorção e assimilação de conteúdos também diferentes, na escolha das músicas a serem trabalhadas, no ensinar essas músicas de uma forma que fosse cativante para o aluno estar presente, e, dia após dia, querer mais e mais estar ali. De acordo com França:

Ouvindo o que as crianças têm a dizer, podemos preparar intervenções de ensino mais direcionadas e efetivas. Conhecendo o percurso do desenvolvimento e os alunos, podemos individualizar as intervenções e atuar nas dificuldades e facilidades de cada um (FRANÇA, 2013, p.32).

Meus professores de Música posteriores também possuíam maneiras e peculiaridades próprias de fazer e ensinar Música. Conforme dito no capítulo anterior, com a necessidade de continuar a buscar maior conhecimento em música e conhecer outros instrumentos musicais, matriculei-me no Conservatório Estadual de Música Juscelino Kubitschek (CEMJKO). Ali, sentia-me em uma escola de música de verdade! Andar pelos seus corredores era como passear pelo universo da música: era possível ouvir orquestras tocando, diferentes tipos de corais cantando e instrumentos diversos, realizando melodias lindíssimas. Era sempre bom fazer um passeio por esses corredores ao terminar minhas aulas.

Por curiosidade, passei a estudar o violão. Era o instrumento que minha irmã estudava, e a vontade de conhecê-lo e tocá-lo também me levou a elegê-lo como meu objeto

de estudos. O professor de violão? Diferentemente do teclado, tive muitos professores deste instrumento. Maneiras de se ensinar música? Inúmeras. Diversas. Distintas.

Mas do primeiro professor de violão nunca nos esquecemos. Ele era baixinho, loiro e com uma barba estranha. Possuía uma voz tão doce que, assim como a professora de teclado, ouvi-lo cantar era muito bom. Tocava violão com uma maestria e de um jeito que era só seu. Suas aulas eram excelentes, e sua maneira de ensinar, impecável. Eu percebia que ele valorizava também cada aluno, com suas facilidades e dificuldades, e se apoderava delas para ensinar música.

Seu método de ensino era bastante diversificado: aprendíamos música erudita e lições de grandes nomes do violão juntamente com a música popular. Geralmente nossa aula versava sobre uma música erudita, uma música popular e um exercício psicomotor, que era realizado logo ao chegar à sala de aula. Ele dizia que, através dessas atividades psicomotoras, eu ganharia velocidade nos exercícios e nas músicas e conheceria a maneira correta de aquecer todos os dedos, além de me posicionar frente ao violão, ganhando maior mobilidade e prevenindo algumas lesões decorrentes do mau posicionamento dos dedos.

As músicas eruditas eram maravilhosas e exigiam toda uma técnica para executá-las. Na maioria das vezes, era através destas músicas que a teoria musical era trabalhada, como duração de notas e pausas, tempo, ritmo, e posicionamento correto dos dedos. Tocar estas músicas requeria toda uma técnica e disciplina. Ah, as músicas populares! Foi através deste primeiro contato com o violão popular que fui começar a construir uma história de vivências musicais baseadas nelas e a definir uma maior predileção pelo violão.

Tocar ao violão e cantar músicas dos grandes mestres da música popular como Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Caetano Veloso e Gilberto Gil permitiu-me mais uma vez um contato real e sensível com a música. As letras eram melodias e harmonias bem edificadas, inteligentes e pensadas. Através de suas análises era possível sentir, ao menos o mínimo, o sentimento do artista ali exposto, em minha frente, na forma de partitura. Era uma honra tocar as obras destes grandes músicos e, mais que isso, compartilhar com eles medos, anseios e sonhos.

O artista é movido por seus sonhos e, juntamente com seus medos e anseios, vivem sua vida, na incessante busca por seus objetivos. As pessoas são assim. Quantas vezes

eu não era sufocada por estas dúvidas e incertezas! Se existia (e ainda existe) um lugar onde me sentia bem, acolhida, “em casa”, era ao lado da música. Através dela era possível eu me transformar no melhor que podia ser e ainda exprimir meus sentimentos.

Críticas? Inúmeras. O mundo em que vivemos é repleto de preconceito sobre o artista, no caso deste trabalho, sobre o músico. “Viver de música? Você está ficando louca!”, “Menina, larga esse violão e vai trabalhar para ganhar dinheiro!”, “Por que você não faz uma engenharia? Seu futuro estará garantido!” Frases como estas também fazem parte de minha memória musical, pois as ouvi muito (e ainda ouço!) durante minha vida de estudos e trabalho.

A sociedade acaba por nos impregnar com suas ideias do que é bom ou não para as pessoas, de conceitos de certo e errado, e de muitas outras “regras”, justamente por não querer que o ser humano pense, indague e questione sobre inúmeras questões pertinentes em nosso mundo. É muito mais cômodo seguir regras e conceitos já estabelecidos. Mas o ser humano não foi feito para pensar?

E não é que até conseguiram convencer-me a prestar vestibular para Matemática? Prestei o vestibular e passei. As pessoas falavam-me tanto que “Matemática é bom pra isso...”, “Matemática é bom para aquilo...”, “Você poderá prestar concursos e trabalhar num banco! ” que me fizeram acreditar nisso. E lá estava eu, prestes a iniciar uma faculdade, de Matemática, a disciplina que eu mais odiava na escola.

Este período de finalização do Ensino Médio e início de uma faculdade passou por inúmeras dúvidas. Conforme mencionado no primeiro capítulo, desde que iniciei meus estudos em Música, tinha a grande certeza de que era isso que queria estudar. E por que não estudar numa faculdade de Música? Por que devia ser Matemática ou Engenharia? Acreditava, e ainda acredito, que somos pessoas melhores quando trabalhamos com o que gostamos, e oferecemos nosso melhor.

Numa segunda-feira à noite, eis que surgem no portão de minha casa dois amigos de meu namorado. Após longa conversa, disseram-me que o vestibular para Música na cidade deles, em Três Corações, estava com vagas remanescentes e que o vestibular era dali a duas semanas. Prestei, passei, estudei e me formei em Música. Música popular! Seriam estes dois amigos mais dois anjos em minha vida? Acredito que sim.

Durante o período de faculdade, conheci muitos amigos, professores e pesquisadores que fazem da música o seu trabalho e levam-na para a vida de inúmeras crianças, jovens e adultos, transformando o mundo em que vivem. Cada professor ou colega abordava a música de uma forma diferente em sua cidade e serviço. Aqui, a música nas escolas aparecia com diferentes faces, dependendo da situação em que o professor estava inserido.

Visando a um melhor desenvolvimento de minha pesquisa, escolhi uma amostra de dois professores e dois colegas de faculdade para compartilhar neste trabalho. Acredito ser interessante apresentar experiências musicais dos professores, e, por que não falar também dos colegas da faculdade? Eles desenvolviam em suas cidades trabalhos edificantes de educação musical que merecem ser destacados neste momento e podem contribuir consideravelmente no curso da pesquisa. Para preservar a integridade das pessoas envolvidas, denominarei os professores abaixo descritos de “professor A” e “professor B”. E os colegas envolvidos, de “colega A” e “colega B”.

O “professor A” era um professor bastante experiente e já trabalhava com música há mais de 30 anos. Desenvolvia inúmeras pesquisas sobre a educação musical, tendo livros, textos e artigos de sua autoria sobre temas como a influência da música nas crianças e também sobre jogos e materiais concretos na aula de Música. Ele dominava o conteúdo que ensinava - a Educação Musical - e fazia das suas aulas uma viagem pela história da educação musical, além de nos apresentar os jogos e materiais concretos para a aula de Música, que até então eu desconhecia. Ele partia do princípio de que a criança é um ser brincante. E logo surge uma questão: por que não aprender música desta maneira?

Conhecer os jogos musicais e materiais concretos para uma aula de música com crianças, por exemplo, foi um conhecimento valiosíssimo para mim. Até então, eu aprendera música da forma tradicional, com partituras e instrumento. O professor cantava a melodia das notas, sendo possível conhecer o ritmo da música, a duração das notas e suas pausas, tudo isso brincando. As crianças seriam capazes de aprender música brincando?

Já o “professor B” era o meu professor de instrumento da faculdade. Ele e seu violão pareciam ser uma peça só: a relação que ele tinha com seu instrumento era de “completude”. Quando ele sentava-se para nos mostrar as músicas de estudo e colocava as

mãos sobre o violão para tocá-lo, era difícil deixar de observá-lo. Ele tocava muito bem. Para nos ensinar, ele considerava que já soubéssemos tudo o que ele explicava, então não revisava quaisquer conteúdos.

Recordo-me que ele seguia um material próprio para ensino de sua disciplina, e que ia seguindo todo o conteúdo e todas as músicas conforme lá estavam. Nossos estudos em música popular eram sempre voltados ao improviso de canções populares americanas e, ao final de cada semestre, era-nos exigido um vídeo com o improviso de determinada música. Ele partia da técnica do improviso para explicar e ensinar todos os conteúdos musicais.

Todos os colegas de faculdade (ou a maioria deles) já trabalhavam com a música em aulas particulares, aulas em conservatórios, aulas em escolas e entidades, shows em restaurantes e barzinhos. Dois dos meus colegas, em particular, desenvolviam trabalhos musicais bastante interessantes e em situações muito distintas. Por isso, a partir de agora, torna-se mister destacar os seus exemplos de suas atividades musicais, como uma amostra para esta pesquisa.

O “colega A”, além de trabalhar com o que lhe despertava interesse e melhor sabia fazer, tinha na música a sua renda através de aulas de música numa escola particular de grande nome de sua cidade. Ele trabalhava com crianças de Ensino Fundamental e, em cada uma de suas salas, havia de vinte a trinta alunos. Como era uma instituição privada, esta lhe garantia todos os materiais necessários para desenvolver seu trabalho: sala única para as aulas, instrumentos musicalizadores como flautas-doce, chocalhos, caxixis, tambores, xilofone e violões. As aulas eram ministradas uma vez por semana.

Com todo este apoio, o professor desenvolvia com suas turmas diferentes experiências musicais, como grupos de percussão, em que trabalhava conceitos fundamentais do estudo musical, como o ritmo, melodias e timbres, além de promover a socialização, a interação e sentidos de lateralidade.

Essa interação com o outro na aula de música torna-se fator prazeroso para os alunos, pois em seu cotidiano relacionam-se o tempo todo com as pessoas, sejam os familiares, amigos ou professores. Os resultados obtidos são valiosos, pois, criar música em grupo é não só um fator de socialização, mas também um fator de importar-se com o colega e

com as suas opiniões, percebendo que quando se trabalha em grupo, os resultados esperados e alcançados superam-se.

O “colega B” também desenvolvia um trabalho muito interessante de educação musical com crianças, mesmo sem possuir os recursos disponibilizados ao “colega A”. Ele provinha de uma realidade diferente, em que trabalhava com aulas de música na escola do Estado em que residia. Suas classes eram superlotadas, possuindo de trinta a quarenta alunos cada uma, sendo que não existiam na escola quaisquer materiais musicais para as aulas, nem um espaço disponível para a execução das mesmas.

Partindo deste princípio, o “colega B” haveria de pensar em estratégias diferenciadas de musicalização para as condições em que se encontrava. E assim o fez. Ele me contava que, primeiramente, desenvolvia com os alunos aulas de percepção corporal e, como não havia um espaço específico disponível para suas aulas, deixava as carteiras e as cadeiras nas laterais da sala para poder executar as atividades no espaço então improvisado.

Essas aulas de percepção corporal eram desenvolvidas, no mínimo, uma vez por mês. Ele acreditava que, antes de tudo, as crianças precisassem se sentir, para depois sentir a música. Em suas outras aulas, o professor levava para a sala de aula seu instrumento, um violão, e através dele podia formar pequenos grupos vocais com seus alunos, abordando noções e técnicas de canto. Além disso, para trabalhar o ritmo na prática, ele, juntamente com seus alunos, construiu instrumentos musicais com sucata: chocalhos, tambores e pandeiros. Através destes instrumentos musicais construídos pelos próprios alunos, trabalhar noções musicais como o ritmo e a pulsação tornou-se mais fácil e bem mais prazeroso.

E eu? Como vivencio a educação musical atualmente?

Trabalhar efetivamente com a música ainda é um sonho para mim, que começou a se materializar no último ano. Nos dias atuais, conforme descrito no Capítulo 1, trabalho com aulas de música em três locais diferentes: numa instituição sem fins lucrativos, num coral - um projeto de extensão do IFSULDEMINAS - campus Inconfidentes - e também estou iniciando uma escola própria de educação musical, onde posso ver aquela pequena semente musical começar a brotar, através das minhas aulas de Música. Citarei brevemente algumas características próprias de cada uma destas três atividades desenvolvidas, que, apesar de

estarem diretamente ligadas à educação musical, carregam consigo características particulares.

A primeira delas é uma instituição sem fins lucrativos. Contando com o apoio de colaboradores e de empresas da cidade e da prefeitura, oferece à comunidade infantil de nossa cidade – Inconfidentes/MG – o ensino musical, embasado nos instrumentos violão, teclado, violino, guitarra, contrabaixo, bateria, flauta doce e canto. As aulas de música são oferecidas aos alunos com idade entre 7 e 18 anos, sendo ministradas por professores-colaboradores, uma vez por semana, em grupos de 3 a 4 alunos, com aulas de 30 a 40 minutos de duração.

Nesta instituição, os professores são chamados de colaboradores por receberem um valor simbólico pelas aulas que são dadas. Hoje, o local possui a colaboração de sete professores de música, que ministram suas aulas em diferentes dias da semana, conforme escala pré-elaborada. De todo o corpo docente, apenas três professores possuem formação específica em Música, sendo que o restante é estudante de Música ou amante dela.

As aulas são oferecidas aos alunos gratuitamente, o que faz com que haja lista de espera para as mesmas. Posso destacar que é uma instituição que visa a apresentações em datas festivas, já que em todo o início de ano recebemos da diretoria um calendário com tais datas, para a preparação dos alunos. A maior das apresentações é realizada ao final de cada ano, onde se reúnem todos os professores, alunos e a comunidade na praça principal da cidade ou em local pré-estabelecido para a “grande apresentação”. Neste dia, a escola apresenta para a sociedade os trabalhos que são realizados durante o ano todo. É uma festa grandiosa e já esperada pelos alunos e pais desde o início das aulas.

Surge aqui uma nova questão: nesta fase da educação musical, onde fica o “processo” formador do conhecimento? Será bom focar somente nos resultados?

Na segunda instituição pude, até o ano passado, trabalhar com a música em forma de canto coral. Fui regente do coral EnCanto, um projeto de arte e cultura do IFSULDEMINAS – *campus* Inconfidentes. Iniciei meus trabalhos nesta escola como tecladista, tocando e elaborando os arranjos das músicas. Tempos depois, com a desistência da professora regente, pude assumir o cargo específico de regente.

Nossos ensaios ocorriam uma vez por semana e, até no último ano, o coral contou com mais de vinte integrantes, dentre alunos dos cursos integrados e superiores e também professores e servidores da instituição. O repertório do coral EnCanto era bastante variado e possibilitava-nos trabalhar a divisão das músicas em vozes, o que para mim, como educadora musical, proporcionou um conhecimento vultoso de melodia e harmonia, já que para ensiná-los tornava-se necessário aprender, no mínimo, duas vozes diferentes. Haja memória!

Muitas foram as experiências adquiridas com este projeto. Não posso deixar de destacar aqui um importante fator que a música, no canto coral, proporciona: a socialização. Perceber o cuidado que cada integrante tem com o outro nos ensaios é revelador. Eles percebem que uma mesma frase na música pode ser cantada de diversas maneiras, e seguir a sua maneira de cantá-la, respeitando a voz do outro, ensina-nos muito.

Acredito ser interessante destacar que este projeto, acima de tudo o que me ensinou e continua ensinando, permite-me, de certa forma, ver a realidade da arte em nossa sociedade. Visto o porte da instituição, esse projeto é valorizado na escola por poucos alunos, professores e funcionários. Percebo que, em muitas de nossas ações dentro do coral, não tínhamos o apoio de que precisávamos para melhor desenvolver o projeto. Muitas das vezes faltavam instrumentos musicais para o ensaio do coral, local adequado, material específico, além, de até mesmo, salário para a regente! Isso mesmo...O professor então precisava utilizar de seu instrumento particular para as aulas. Como a sociedade interpreta essa situação? Como o profissional da música vem sendo valorizado (se é que está sendo) pela sociedade de forma geral?

Ao avaliar minha própria realidade na área da Música, e também conhecendo realidades de colegas com os quais tive contato principalmente durante a graduação, sinto-me tomada por estas discussões diariamente. A importância da música e também da arte, de forma geral, ainda não é conhecida por muitas pessoas, ou seja, muitos não pensam nas contribuições da arte para o desenvolvimento pessoal, social e cognitivo dos sujeitos, o que afeta diretamente a valorização do profissional da área. Assim sendo, a seguinte pergunta torna-se muito pertinente: O que fazer para mudar essa realidade?

Não pretendo responder esta pergunta neste momento, mas pensar e refletir sobre ela faz-se necessário. Ela nos faz perceber haver inúmeros motivos que justificam a ausência da música nas escolas e o não cumprimento da lei que sustenta sua permanência nas salas.

A terceira e última instituição musical com a qual me relaciono é a de que mais me orgulho. Há dois meses criei uma escola de música: a Escola de Música Sol Maior. Ela funciona como uma escola particular – instituição privada – de ensino musical. As aulas acontecem uma vez por semana, com duração de cinquenta minutos, exclusivos para cada um dos alunos, sendo que, a cada final de mês, é realizada uma prática em conjunto, em que todos os alunos dos diversos instrumentos (flauta-doce, teclado e violão) e também os alunos de canto se unem para fazer música.

É interessante observar a dedicação dos alunos para com a prática de conjunto e até mesmo com sua aula de instrumento ou canto. É diferente, por exemplo, de uma instituição pública ou de uma entidade sem fins lucrativos. E não só ante o valor despendido. É bastante diferente, por exemplo, trabalhar com um aluno por vez a cada cinquenta minutos do que trabalhar com três ou quatro alunos a cada meia hora, como na primeira instituição citada.

Nesta escola, o tempo é exclusivo para cada um dos alunos. Suas facilidades e desafios são tratados de maneira específica, garantindo melhores resultados num menor período de tempo. Os alunos aproveitam ao máximo o desenvolver das aulas, e eu, como professora de música, consigo desenvolver estratégias de ensino específicas também.

Percebo que, em cada uma destas instituições, a “música na escola” é percebida de maneira diferente. Algumas nos dão algum apoio para desenvolvermos o trabalho musical, como espaço e instrumento. Outras não possuem recurso algum. As práticas musicais de cada uma das instituições, bem como seus objetivos, também são variadas, instigando o educador a procurar maneiras de melhor desenvolver a educação musical nas escolas, garantindo aos envolvidos o aprendizado de verdade. De acordo com Vivian e Tiago:

[...] entendemos que não existem métodos definitivos, e que o professor é aquele com melhor condição de agir em sala de aula, planejando suas aulas com vistas a contemplar as necessidades locais. Dessa forma, ainda que os novos métodos tragam

infinitas boas ideias, a estruturação de um planejamento, esse papel criativo, é atribuição exclusiva do professor (MADALOZZO; MADALOZZO, 2013, p. 187).

Hodiernamente, em muitas das instituições que possuem aulas de música em seu currículo, a maior preocupação por parte da escola não é o de despertar o aprendizado significativo frente à música, muito menos desenvolver a sensibilidade que a música por si só desenvolve, mas utilizá-la como veículo de divulgação da própria escola e seus eventos. A música acaba sendo usada apenas para auxiliar outras disciplinas ou até mesmo em apresentações festivas da escola.

A prática musical e as experiências descritas brevemente acima, do “professor A”, “professor B”, “colega A” e “colega B”, instigaram-me a pesquisar sobre o universo musical das crianças, bem como a relação delas com o aprender música. Pesquisei sobre a educação musical nas escolas, ou seja, de que forma ela aparece em nossas salas de aula em meio às diferentes instituições, e percebo que ainda existem muitas lacunas e perguntas sem respostas sobre este tema, como: “A aula de música é mesmo obrigatória?”, “O que ensinar?”, “Quem pode ministrar estas aulas”?

Uma dessas lacunas, e fontes de inúmeras dúvidas de educadores musicais, é a Lei n. 11.769, de 18 de Agosto de 2008, tornando o ensino da música obrigatório na Educação Básica (que engloba a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio). A partir dela, a música passa a ter certa “visibilidade” no âmbito da escola, mesmo que isso ainda não seja o suficiente para que a música passe a vigorar efetivamente nas dependências da sala de aula. Segundo Granja:

Apesar de todas as transformações que vêm ocorrendo no mundo do conhecimento e da educação, a música ainda é pouco valorizada pela escola. Ainda que os parâmetros curriculares recomendem a inserção da música na grade curricular, na prática, poucas escolas abrem espaço em seu currículo para um programa consistente e contínuo de aprendizagem musical. Há escolas que desenvolvem projetos musicais durante alguma etapa da formação, principalmente na Educação Infantil, mas são casos isolados (GRANJA, 2006, pp. 13-14).

São poucas as instituições de Educação Básica que, com base em referida lei, garantem que o ensino de música seja obrigatório. A lei existe, mas, assim como muitas

outras, não é cumprida integralmente. Outro ponto de discussão entre os educadores musicais é quanto à formação do professor que ministrará estas aulas. Ele deve ser licenciado? Formado em um curso técnico em Música, o professor pode ministrar estas aulas? E os músicos que não possuem nenhuma formação em Música, podem ministrá-las?

Sabemos que um professor de Matemática, por exemplo, não pode ministrar aulas de Português, ou vice-versa, mas ambos poderiam ministrar aulas de Música. Pasmem! É o que ocorre em nossas escolas. O artigo 2º desta Lei, que exigia ao menos uma formação específica para o professor de Música, foi vetado, ao argumento de que:

[...] é necessário que se tenha muita clareza sobre o que significa ‘formação específica na área’. Vale ressaltar que a música é uma prática social e que no Brasil existem diversos profissionais atuantes nessa área sem formação acadêmica ou oficial em música e que são reconhecidos nacionalmente. Esses profissionais estariam impossibilitados de ministrar tal conteúdo na maneira em que este dispositivo está proposto (BRASIL, 2008).

E ainda há um último tópico duvidoso sobre a inserção da música nas escolas, no que se refere ao conteúdo a ser elaborado. Não existem parâmetros curriculares específicos que norteiem os conteúdos específicos musicais a serem trabalhadas em meio às diferentes turmas de alunos. É importante destacar aqui a existência do ensino musical dentro do conteúdo de arte. Estamos questionando, na presente pesquisa, a falta dos parâmetros curriculares específicos para o ensino da Música em si. E destacamos que, para este, não existe parâmetro curricular. Uriarte nos ensina, de forma muito clara, que:

A Lei 5.692/71, que reformou o ensino brasileiro, suprimiu a Educação Musical do currículo escolar e introduziu a disciplina denominada “Educação Artística”, à qual foi imputada a tarefa de dar conta dos três discursos artísticos – plástico, teatral e musical. A mudança, justificada à época pela busca da integração das três dimensões da arte, revelou-se, na prática, geradora de um impasse: exige polivalência do professor da disciplina, sem ter-lhe proporcionado as condições para tal. Por conta desse descompasso, as escolas voltam-se para uma ou outra dimensão e, quase sempre, a música deixa de ser trabalhada como arte possível de ser vivenciada e experimentada para a transformação e o crescimento individual do educando (URIARTE, 2004, pp. 247-248).

Granja também questiona essa Lei, ao enunciar:

Uma das mais desastrosas talvez tenha sido a introdução da Educação Artística na década de 1970. Amparado por um discurso moderno de integração entre as linguagens artísticas (artes plásticas, teatro e música), o governo tirou das artes o status de disciplina, transformando a educação artística em “atividade educativa”. Na prática, o que ocorreu foi uma diluição dos conteúdos específicos de cada área, principalmente na formação do professor. As artes plásticas acabaram predominando sobre as outras linguagens, e a música foi gradualmente deixada de lado (GRANJA, 2006, p. 15).

Percebemos que o autor é bem crítico ao mencionar a introdução da Educação Artística no currículo escolar. Ele demonstra certa inquietação diante da inserção da Educação Artística, em meados dos anos 70, na grade escolar, pois, como educador musical, defende a importância das linguagens artísticas (artes plásticas, teatro e música) integradas, porém não “diluídas”. Granja continua a defender essa ideia:

Uma proposta de musicalizar a escola não pode se limitar apenas à inclusão da Música como disciplina escolar. Ela deve implicar um projeto de integração que ocorra não somente no nível de conteúdos, mas também no nível da construção do conhecimento. É fundamental que haja uma articulação entre os momentos de elaboração conceitual e as atividades de natureza perceptiva (GRANJA, 2006, p. 152).

Inúmeros fatores acabam por, de certa forma, fazer a música passar a ser vista dentro da escola como conteúdo menos importante. Não seria a falta de planejamento um destes fatores? Nós, educadores musicais, não desejamos uma “receita de bolo” para simplesmente seguirmos em nossas aulas de Música, mas consideramos necessária a presença de um “norte” acerca dos conteúdos, para que, no mínimo, a música passe a garantir o seu espaço em meio a outras tantas disciplinas na escola. Quanto ao planejamento das aulas, Vivian e Tiago exprimem que:

São diversos os fatores que determinam o processo de planejamento de aulas para a musicalização infantil. No entanto, não pretendemos esgotar ou enumerar todos eles, visto que muitos são culturais e distinguem-se pela formação do educador. (MADALOZZO; MADALOZZO, 2013, p. 167).

Ao citarem a formação do educador, debatemo-nos com outro ponto bastante questionável pelos professores de Música, já que o artigo 2º da Lei foi vetado. A obrigatoriedade da Música na Educação Básica por meio dessa lei ainda é muito vaga, deixando diversos de seus tópicos ambíguos e sem clareza, o que abre espaços para interrogações cada vez mais frequentes em meio aos educadores musicais, além de, no âmbito da escola como um todo, confirmar tal falta de organização.

Verificamos que a música aparece nas escolas e assume forma própria dependendo de cada situação, e que são essas diferentes situações que vão determinar como o professor irá trabalhar a música. Desenvolver saídas para elas e solucionar desafios presentes na escola é tarefa do professor, que deverá encontrar quantas soluções forem necessárias para estes problemas, e realizar de forma lúdica o seu papel de educador; mais do que um professor, não medindo esforços para garantir o aprendizado significativo aos seus alunos.

A música na escola, conforme podemos constatar no Capítulo 2, acaba por assumir diferentes nuances, dependendo da situação que lhe é apresentada. Fatores como materiais disponíveis para o ensino, público-alvo e diversas outras especificidades de cada uma das instituições, irão, de certa forma, apresentar a maneira com que a música estará de fato, na escola. Não podemos nos esquecer de que a figura do professor é fundamental neste momento. Ou ele acomodará-se com as condições que as instituições apresentam ou ele encarará os desafios e, a partir daí, elaborará rotas alternativas para desenvolver sua atividade.

Contudo, e no que tange especificamente à educação musical infantil, o que dizem os autores e pesquisadores da área? Procuraremos, no capítulo seguinte, apresentar algumas ideias acerca da educação musical infantil, através de uma breve pesquisa bibliográfica sobre o assunto.

### 3. A MÚSICA E OS AUTORES

A sugestão assim é que repensemos a educação e que procedamos a uma reengenharia do ensino, trazendo a música de volta às escolas. Se a música não produz carros mais velozes, ela colabora na formação de cabeças *pensantes* e de indivíduos mais sensíveis à sua condição humana. Não podemos esquecer a dimensão educacional de uma linguagem que, relacionada com experiências humanas, fomenta ações e relações do indivíduo com a sociedade (SEKEFF, 2007, p. 177, grifo da autora).

Pensar na educação musical na rede regular de ensino é deparar com muitos desafios a serem vencidos. Isso porque, diante da inclusão ou até mesmo reinclusão da Música nas escolas, faz-se necessário questionar e discutir sobre os diversos tópicos e interrogações apontados na presente pesquisa. Onde há seres pensantes, há uma iniciativa de mudança. E a mudança é sempre apreciável para renovar algumas questões e dar sentido àquelas que antes não a tinham.

Por que não trazer para a sala de aula essa linguagem artística que encanta e com a qual todos convivemos diariamente? Por que não utilizar a música como aliada em nossas atividades constantes? Por que ver música e educação como algo tão diferente ou oposto? Há muito, diversos estudiosos vêm desenvolvendo pesquisas nesta área, denotando sobre a relevância e importância da Música no âmbito educacional, embora a educação musical infantil no Brasil esteja em fase de constituição. De acordo com Pacheco:

Atualmente, a educação musical infantil no Brasil ainda está em processo de constituição. Ilari (2007) sugere que em nosso país a música ainda não é vista como uma competência a ser desenvolvida, e, muitas vezes, pais e até professores

enxergam-na como um dom ou uma aptidão que não exige necessariamente um treino musical específico (PACHECO, 2013, pp. 92-93).

Ela justifica seus dizeres quando cita:

A educação musical infantil brasileira precisa ser constituída, mas seus principais objetivos não podem se resumir a auxiliar no aperfeiçoamento dos alunos em outras áreas de conhecimento, emocionar familiares em apresentações de datas festivas ou fazer parte da “lista de benefícios” elaboradas por muitas escolas privadas para atrair matrículas. A educação musical infantil precisa ser constituída porque é ela uma competência, porque cada criança tem o direito de desenvolver sistematicamente suas habilidades musicais, assim como ela se desenvolve nas demais áreas do conhecimento. A música é uma importante área de conhecimento artístico e acadêmico e precisa ser valorizada por si mesma (PACHECO, 2013, pp. 93-94).

No Capítulo 2 do presente trabalho confirmamos o que nos revelou Pacheco, ao acompanhar as experiências dos professores e colegas de minha graduação. E não somente lá, mas também em uma das minhas descrições sobre um trabalho atual, a presença desta ideia de musicalização para festividades é visualmente clara.

O processo de valorização da música por si mesma está em construção, mas deve ser pensado e questionado por todos os educadores que acreditem realmente na música, bem como por todos os educadores que creem na educação e que a vejam como símbolo de si mesmos.

A educação musical tem grande contribuição para o desenvolvimento da criança em vários aspectos. Um ponto bastante importante é a possibilidade de desenvolver na criança a sensibilidade e o gosto pela música:

A educação musical constitui um espaço privilegiado para o desenvolvimento da criança pela séria vocação de ambas para a brincadeira, o movimento e a fantasia. [...] À educação cabe despertar e desenvolver a sensibilidade e o gosto da criança pela música, a sua percepção auditiva, criatividade, imaginação e expressão (MORAIS, 2012, p.13).

A grande ligação existente entre a criança e a brincadeira torna possível ao educador musical apropriar-se da música através de uma maneira lúdica e interessante para elas. Não estou querendo afirmar que música é brincadeira, nem querendo fazer juízo de valor com mencionada palavra, mas destaco que elas podem ser trabalhadas juntas, de forma a garantir a atenção da criança. A união entre a música e a brincadeira pode ser significativa, inclusive se valorizarmos a parte lúdica de ambas. De acordo com Dornelles:

A brincadeira é algo de pertence à criança, à infância. Através do brincar a criança experimenta, organiza-se, regula-se, constrói normas para si e para o outro. Ela cria e recria, a cada nova brincadeira, o mundo que a cerca. O brincar é uma forma de linguagem que a criança usa para compreender e interagir consigo, com o outro, com o mundo (DORNELLES, 2001, p. 104).

Na educação infantil, torna-se necessário desprender-se da teoria. Em uma sala de aula de vinte alunos, por exemplo, todos brincam se você, professor, brinca! Percebemos que, quando perdemos a nossa capacidade de brincar, acabamos perdendo também a nossa essência. É a partir do brincar que o ser humano começa a fazer os seus primeiros contatos sociais. Brincar é uma expressão do ser humano, é uma linguagem do espontâneo. É, antes de mais nada, alegria.

Sabemos que na área da educação o brincar não é visto, muitas vezes, como relevante, sendo até mesmo considerado algo errôneo e contrário ao aprendizado da criança. Mas, se o brincar está ligado, como vimos no parágrafo anterior, à nossa essência, e se é uma expressão do ser humano, o que estamos, de fato, esperando de nossos alunos? O que estamos esperando de nós mesmos? Estamos podando o ser humano em seu início, cortando-lhe a capacidade do brincar! Coragem nos diz que:

A arte infantil é essencialmente lúdica. Porém, não apenas como livre brincadeira ou enquanto brincadeira com regras, o lúdico na aprendizagem artística envolve o expressivo, o sensível, o estético e introduz a criança na esfera do artístico (CORAGEM, 2006, p. 90).

Levando em consideração a sensibilidade e a curiosidade, infinitas são as possibilidades de se trabalhar a Música na sala de aula. Sabemos que esta manifestação artística está diretamente ligada a nós, ou seja, temos contato com música o tempo todo e em diferentes lugares. Ela chega a fazer parte de nossa cultura e a trabalhar também com as nossas emoções:

A percepção do elemento melódico da música na criança provoca reações das mais diversas naturezas, destacando a predominância das manifestações afetivo-emocionais. Quando a melodia ou música fazem parte da “aculturação” do sujeito, os motivos, ou seja, os mínimos fragmentos musicais que têm um significado e que são familiares são mais tarde reconhecidos, estabelecendo o que chamamos de memória musical melódica (MORENO, 2001, p. 75).

É importante destacar que o ambiente no qual a criança está inserida tem total influência em seu processo de musicalização. Levando-se em consideração todo o repertório que lhe já é familiar, a memória musical melódica da criança começa a se formar a partir das primeiras experiências vivenciadas pela mesma, por meio do seu contato com a música. Sekeff destaca várias dimensões que a linguagem musical em si envolve, dizendo que:

Como a linguagem musical envolve dimensões afetivas, cognitivas, históricas, ideológicas, sociais e individuais elaboradas de forma peculiar, e como “linguagem é uma atividade humana *universal* que se realiza *individualmente* mas sempre segundo técnicas historicamente determinadas” (Coseriu, 1980, p. 91), é natural que a música seja inserida na escola. É a possibilidade de que o educando viva um espaço criativo e libertário (SEKEFF, 2007, p. 178, grifo da autora).

Contudo, deve-se conhecer a melhor maneira de se trabalhar a música frente à sala de aula para que realmente aconteça o aprendizado significativo. Queiroz e Marinho afirmam que as aulas de Música que têm por base os princípios da criação, interpretação e apreciação musicais podem realmente garantir esse tipo de aprendizado, quando asseguram que “criar, vivenciar, apreciar e interpretar músicas são práticas que devem constituir a base das aulas de música”. (2009, p. 65)

A criatividade nas crianças é um elemento que não pode ser esquecido pelo professor, já que, de acordo com os autores acima, pode ser a base das aulas de Música. Minhas experiências enquanto educadora musical têm demonstrado, a cada dia, quão preciosa e única é a aptidão de criar das crianças. Sua capacidade de percepção impressiona de modo único, ao devolverem respostas não somente pensadas, mas elaboradas, tendo em vista todo o lado sensível da música. Já no que diz respeito à contribuição da música para a formação integral dos envolvidos com ela, Costa, Bernardino e Queen destacam que:

A música contribui para a formação integral do indivíduo, reverencia os valores culturais, difunde o senso estético, promove a sociabilidade e a expressividade, introduz o sentido de parceria e cooperação, e auxilia o desenvolvimento motor, pois trabalha com a sincronia de movimentos (COSTA, BERNARDINO, QUEEN, 2013, s/p). et. al.

As várias contribuições da música para o desenvolvimento do indivíduo são claramente perceptíveis, mais uma vez, em minhas vivências musicais. É possível notar, diariamente, em minhas aulas de música, o crescente desenvolvimento individual de meus alunos. Cada um desenvolve-se em tempos diferentes, já que sentem a música de forma

também diferente e até mesmo expressam-na de maneira particular. Embora o presente trabalho tenha enfoque na educação musical infantil, torna-se de suprema importância destacar que não só às crianças é possível desenvolver todas estas habilidades, mas a todo indivíduo que entra em contato com a música.

Fraisse aponta cinco aspectos relevantes a ter em consideração para a expressão rítmica e seu desenvolvimento evolutivo, chamados de “dominantes”:

1. O "espaço", que desenvolve na criança um senso de orientação nele e de lateralidade; 2. O "parceiro", que se refere à ação rítmica com o outro a que se relaciona, sendo um poderoso fator de socialização. 3. Os "materiais pequenos" que favorecem a habilidade e coordenação (cordas, bolas, instrumentos...). 4. A "identificação-imitação" para interiorizar o mundo em torno da criança, e, proceder para a expressão imitativa e manifestação através de mímica. 5. O “ritmo-melodia”, que se refere ao acompanhamento de ritmo e movimento segundo palavras, frases rítmicas e melódicas, improvisações rítmicas e melódicas, etc. (FRAISSE, 1976, p. 213 *apud* MORENO, 2013, p. 83).

Discorrer sobre estes aspectos, considerados pela autora como “dominantes”, é instigar nossos educadores musicais a pensar em como se é trabalhada a música frente à sala de aula, e não somente apontar um método pronto a ser seguido. A busca constante pelo conhecimento deve ser sempre almejada por nós, educadores, já que temos sempre algo novo a aprender e já que o mundo em que vivemos está em constante desenvolvimento. Relacionando música e educação, Dalcroze, de acordo com Sekeff:

[...] pregava que ela devia ocupar lugar importante na educação em geral, pois responde aos desejos mais diversos do indivíduo. Para ele, o estudo da música é o estudo do próprio homem. E mais, ele dizia que o organismo humano é suscetível de ser educado eficazmente conforme a ordem e o impulso da música, pois ritmo musical e ritmo corporal são o resultado de movimentos sucessivos, ordenados, modificados e estilizados, formando uma verdadeira identidade (BENENZON, 1971, p. 36 *apud* SEKEFF, 2007, p. 45).

Sekeff complementa essa citação quando aduz:

Pontuar *música na educação* é assinalar a necessidade de sua prática nas escolas, auxiliar o educando a concretizar sentimentos em formas expressivas, favorecer a interpretação de sua posição no mundo, possibilitar a compreensão de suas vivências, conferir sentido e significado à sua condição de indivíduo e cidadão. Como toda comunicação envolve conflito, poder, ideologia e negociação, o educando precisa aprender a lidar com esses valores com competência e autonomia,

e aí emerge a potencialidade da música como agente *mediador*, auxiliando-o na construção de um diálogo com a realidade (SEKEFF, 2007, p. 130).

O ensino da Música nas escolas não pode estar pautado apenas em cantar ou tocar instrumentos, mas em compreender a música em sua essência verdadeira, conhecimentos sobre melodia, harmonia, ritmo, figuras rítmicas e melódicas, enfim, fatores que vão além da simples execução memorizada e que são os grandes responsáveis pelo desenvolvimento proporcionado pela música. A música na escola, se resumida à simples teoria musical, deixa de apresentar-se de forma sensível e acaba, de certa forma, por tornar-se apenas mais uma disciplina presente na grade curricular. Não queremos que a música na escola seja resumida a apresentações em datas festivas ou a músicas de algumas atividades diárias das crianças, como a música da hora do lanche ou a música para dormir. A educação musical de que estamos falando é muito mais ampla. Penna expõe que:

[...] musicalizar é desenvolver os instrumentos de percepção necessários pra que o indivíduo possa ser sensível à música, apreendê-la, recebendo o material sonoro/musical como significativo. Pois nada é significativo no vazio, mas apenas quando relacionado e articulado ao quadro das experiências acumuladas, quando compatível com os esquemas de percepção desenvolvidos (PENNA, 2015, p. 33).

As atividades de música na escola devem ser significativas para as crianças. Uma aula de música que leve em consideração o ato sensível proporcionará aos envolvidos uma apreensão musical em sua essência, onde eles, em contato com seu ambiente musical, poderão ampliar e descobrir os meios de expressão musical. O professor deve sempre se perguntar qual é a música que nos serve de referência para musicalizar, já que, como um processo educacional orientado, a musicalização exige-nos isso (Penna, 2015, p. 34; 48). A música presente na escola, desta forma, garantirá aos alunos um aprendizado significativo, pois, partindo da cultura de cada um dos envolvidos, proporcionará a compreensão de seu verdadeiro sentido: o sensível.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] dizemos por fim que a música de código culto tem mesmo de ser solicitada a prestar contas do que ocorre à nossa volta, colaborando para acabar com a fome do brasileiro, fome que vai muito além do pão, na medida em que se pode ser faminto de oportunidades, de igualdade de condições, de educação, de saúde, cultura, lazer. Essa é uma forma de acabar com a anemia cultural que tantas vezes enfraquece o educando, pois ainda que essa deficiência não o torne famélico, faz que ele permaneça na condição de famélico. É assim que a música dá o seu recado (SEKEFF, 2007, p. 179).

Este trabalho teve como objetivo discutir sobre a música na escola, em meio às diferentes práticas que são desenvolvidas, especificamente na educação infantil. A princípio, descrevo minhas memórias musicais em diferentes períodos de minha vida: enquanto aluna e atualmente como educadora musical, descrevendo e carinhosamente citando as principais influências e pessoas que me incentivaram a estudar esta linguagem artística.

No primeiro capítulo destaco a importância da música em minha vida, basicamente sob três aspectos: social, emocional e profissional. A partir daí procuro relatar detalhadamente toda a minha relação com a música, em meio ao caminho percorrido. Diante de tantas memórias afáveis, fica difícil conter as lágrimas! Quantas histórias! Quantas memórias! E quanto sentimento entre todas elas! Relembrá-las foi como abrir um baú que há dezesseis anos não era mais explorado.

Chamo a atenção, já no primeiro capítulo, para a influência e exemplo de amor que a minha família proporcionou-me durante esta primeira fase de conhecimento musical. O meu primeiro contato com a música tornou-se mais belo e prazeroso com eles a meu lado. Não há como se referir a eles a não ser com a palavra “anjos”, para demonstrar o amor, cuidado e proteção com que tinham para comigo.

Podemos concluir, portanto, a partir de minhas memórias, que a contribuição da família para o aprendizado da criança é imprescindível. Toda o estímulo musical a mim proporcionado, ainda que sem nenhum ou pouco conhecimento musical, fizeram de mim o que sou hoje. Acredito que os pais sejam os maiores colaboradores na procura pelo conhecimento musical de seus filhos desde o seu nascimento. Através de brincadeiras próprias que cada família estabelece com seus filhos, vivências musicais diárias são exploradas, fazendo toda a diferença para o aprendizado musical da criança.

No segundo capítulo, ainda explorando minhas memórias musicais, filtro informações relacionadas à música na escola, ou seja, faço uma reflexão sobre as minhas primeiras aulas de Música, meus professores e colegas, em meio às diferentes maneiras de fazerem e ensinarem a Música.

A lembrança da voz suave de minha primeira professora de teclado proporcionou-me observar que, através do simples gesto de cantar, é possível memorizar melodias, ritmos e ainda trabalhar com a leitura musical, sem ao menos perceber que estamos fazendo isso. Como era bom ouvi-la cantando ao chegar aos corredores da escola! Pude compreender os primórdios da teoria musical com ela, através da maneira sensível de ensinar e fazer música. Não posso deixar de considerar aqui sua didática de fácil acesso. Era possível perceber, em meio aos seus gestos, seu olhar e sua voz, que ela preocupava-se com cada um de seus alunos. Eu tinha a impressão de que as aulas eram formuladas especificamente para mim. Isso é tão importante no âmbito educacional! O ato sensível da Música era apresentado de maneira individual, a cada aluno, da melhor forma para que houvesse o aprendizado. Conclui-se que, quando o professor pensa em cada um de seus alunos ao planejar uma aula ou atividade, esta acaba se tornando muito mais significativa e prazerosa para ambos.

No decorrer do mesmo capítulo, descrevi também as minhas experiências do CEMJKO (Conservatório de Música Juscelino Kubitschek). O período em que estudei nesta instituição de música foi decisivo para as minhas futuras escolhas. Ao estar lá, sentia estar numa escola de música de verdade! Todas as crianças, jovens e adultos iam para aquele local com objetivos de estudo musical, e isso me deixava muito feliz: observar que mais pessoas acreditavam nesta arte. Foi lá que pude conhecer os timbres de outros instrumentos musicais, bem como as suas principais características.

Em seguida, falo carinhosamente sobre dois professores e dois colegas da então faculdade de Música, exemplos de seres musicais; cada um com seu jeito único de fazer e ensinar Música; mostraram-me que, mesmo em meio a tantas faces que a música apresenta na sociedade, é possível garantir às pessoas um aprendizado significativo. Cada um deles trabalhava a música com as crianças de uma forma diferente, com prioridades e metas distintas, porque suas realidades e prioridades também eram distintas.

Através de suas experiências, posso concluir que a música na escola não nos traz uma “receita” para ser seguida. O modo como ela estará presente em cada instituição, escola ou projeto será próprio de cada uma delas, ou seja, de acordo com a cultura, os costumes e

tradições de cada lugar; com a bagagem cultural de cada envolvido, o aprendizado musical torna-se singular e diferenciado. Essa adaptação às condições de ensino é necessária, e o professor deve sempre aperfeiçoar para garantir aos seus alunos uma aula de qualidade, pois, acima de tudo, é o ato sensível da música que permanece.

Finalizando o Capítulo 2, mencionei como eu, no momento, vivencio a educação musical, através de meus diferentes trabalhos. Todas estas experiências proporcionam-me o contato direto com a música; através delas posso perceber a alegria e o entusiasmo de cada uma das crianças e jovens ao se relacionarem com a música. É algo indescritível: deixa-me extasiada, torna-me melhor.

Todas estas experiências citadas instigaram-me a pesquisar o universo musical das crianças e sua relação e interação com a música. Pude perceber que, quando o assunto é “música na escola”, muitas perguntas ainda anseiam incessantemente por respostas. Procurando entender melhor essa questão, tornou-se necessário o estudo da Lei n. 11.769, sancionada em dezoito de agosto de dois mil e oito, tornando o ensino de Música obrigatório em toda a Educação Básica, garantindo mais visibilidade para a educação musical. Embora esta visibilidade tenha aumentado, ainda são os próprios professores de classe que realizam as atividades musicais, tendo ou não um conhecimento aprofundado sobre o assunto, já que, a respeito da formação dos professores, a lei é silente.

Após informar-me melhor acerca desta lei, depreendo que não é ela que irá garantir uma educação musical de qualidade na escola. O modo como cada professor atua influencia nesta oportunidade que se abre à música neste momento da história, pois, de que serve termos amparo legal e não conhecermos verdadeiras práticas musicais? De que serve termos este amparo e resumirmos nossas aulas de música a simples teoria musical ou eventos comemorativos? Ou ainda: de que adianta termos este amparo legal se a música em nossa sociedade e no contexto escolar não é valorizada?

No Capítulo 3, “Música e os autores”, através de pesquisa bibliográfica, procuro apresentar diferentes ideias de autores acerca da educação musical infantil. Pude confirmar o que cito no parágrafo anterior: a educação musical no Brasil ainda está em processo de constituição. Em muitas escolas e instituições de ensino, a música ainda é vista como algo “não importante” ou de “menor valor”, ou ainda “um dom”, algo que não exige de nós um maior estudo.

Os autores afirmam que a música na escola não pode ser resumida a apresentações em datas comemorativas para emocionar os pais ou apenas ser utilizada em atividades específicas de um dia de aula, como “lavar as mãos”, “hora do lanche”, “hora de dormir”, dentre tantas outras ações adotadas e frequentes nas escolas de educação infantil. Há de se afirmar neste momento que a educação musical na escola sem a devida reflexão não deve estar presente, pois somente contribuirá para práticas sem quaisquer fundamentações, ou seja, práticas vazias de sentido.

A educação musical, quando conhecida e trabalhada em seu verdadeiro sentido de musicalizar, possui grande contribuição para o desenvolvimento da criança em diferentes aspectos, devendo, como discurrido alhures, ser pensada e questionada por todos os envolvidos, como pais, professores e educadores que acreditem verdadeiramente em seu ato sensível. Importante lembrar, neste momento, que a criança é um ser brincante; por que não fazer música brincando? Por que não valorizar este ato natural da criança com o aprendizado musical? Por que não se pensar na criança e na brincadeira com enfoque na parte lúdica de ambas?

Depreende-se, portanto, ser imprescindível pensar em uma educação musical através de seu lado sensível, fator que é extremamente relevante nas crianças. Elas são seres curiosos, e seu lado criativo deve ser valorizado. É este lado sensível da música que irá estimular na criança um maior desejo pelo fazer musical, pois despertará nelas uma vontade de aprender cada vez mais para descobrir novas formas de se fazer música. Assim, com professores empenhados em despertar um interesse musical em seus alunos, o processo de aprendizagem acontecerá de forma natural e satisfatória para ambas as partes envolvidas, afirmando a cada dia que “brincando se faz música”.

## REFERÊNCIAS

AMATO, R. C. F. **O canto coral como prática sócio-cultural e educativo-musical**. Opus, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 75-96, jun. 2007.

BRASIL. Lei 11.769, de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica**. Publicação Original Diário Oficial da União, 19/08/2008, P. 1. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/lei/L11769.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/lei/L11769.htm)>, acesso em 06 de nov de 2013.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. LDB – Lei nº 5.692/71, de 11 de agosto de 1971. **Fixa as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências**. Publicação Original Diário Oficial da União - Diário Oficial da União, em 12/08/1971, pagina 6377, coluna 1. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l4024.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l4024.htm)>, acesso em 06 de nov de 2013.

BRITO, T. A. **Música na Educação Infantil**: Propostas para a formação integral da criança. São Paulo: Peirópolis. 2ª. ed. 2003. pp. 9-21.

CORAGEM, A. C. Pensando a arte na educação infantil. In. CARVALHO, A.; SALLES, Fátima e GUIMARÃES, M. (Orgs). **Desenvolvimento e Aprendizagem**. Belo Horizonte: UFMG, 2006, pp. 89-96.

COSTA, C; BERNARDINO, J; QUEEN, M. **Música**: entenda por que a disciplina se tornou obrigatória na escola.

Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/politica-publica/musica-escolas-432857.shtml>, 2013, acesso em 12 de ago de 2013.

DORNELLES, L. V. Na escola infantil todo mundo brinca se você brinca. In. CRAIDY M. e KAERCHER G. (Orgs) **Educação Infantil**: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001. pp. 101-108.

FRANÇA, C. C. “Uma borboleta nas teclas do piano”: significado e desenvolvimento musicais. In. ILARI, B. e BROCK, A. (Orgs) **Música e Educação Infantil**. São Paulo: Papyrus, 2013. pp. 11-36

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRANJA, C. E. **Musicalizando a escola**: música, conhecimento e educação. 1ª. ed. São Paulo: Escrituras, 2006.

ILARI, B; BROOCK, A. (Orgs). **Música e Educação Infantil**. São Paulo: Papyrus, 2013.

MADALOZZO, V. A; MADALOZZO, T. Planejamento na musicalização infantil. In. ILARI, B. e BROCK, A. (Orgs) **Música e Educação Infantil**. São Paulo: Papyrus, 2013. pp. 167-190.

MAFFIOLETTI, L. A. Significações que possibilitam a compreensão musical. In. ILARI, B. e BROCK, A. (Orgs) **Música e Educação Infantil**. São Paulo: Papyrus, 2013. pp. 123-145.

MORAIS, D. V. **Educação Musical**: Materiais concretos e prática docente. 1ª. ed. Curitiba: Anris, 2012. 160p.

MORENO, J. L. **Psicología de la música y educación musical**. 2ª ed. Espanha: A. Machado Libros, 2001.

NÓVOA, A.. **O professor pesquisador e reflexivo**. Entrevista.

PACHECO, C. B. Habilidades musicais e consciência fonológica: refletindo sobre o desenvolvimento infantil. In. ILARI, B. e BROCK, A. (Orgs) **Música e Educação Infantil**. São Paulo: Papyrus, 2013. pp. 69-94.

PENNA, M. **Música (s) e seu ensino**. 2. Ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Sulina, 2015.

QUEIROZ, L. R.; MARINHO, Vanildo Mousinho. Práticas para o ensino da música nas escolas de educação básica. **Música na educação básica**. Porto Alegre, v. 1, n. 1, out de 2009. Disponível em [http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista\\_musica\\_na\\_escola/revista\\_musica\\_educacao\\_basica.pdf](http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista_musica_na_escola/revista_musica_educacao_basica.pdf) > Acesso em: 07 de nov de 2013.

RODRIGUES, H.; ARRAIS, N.; RODRIGUES, P. M. Variações sobre temas de desenvolvimento musical e criação artística para a infância. In. ILARI, B. e BROCK, A. (Orgs) **Música e Educação Infantil**. São Paulo: Papyrus, 2013. pp. 37-65.

SEKEFF, M. **Da música seus usos e recursos**. 2ed. rev. e ampliada. São Paulo: UNESP, 2007.

URIARTE, M. Z. **Música e escola**: um diálogo com a diversidade. Educar, Curitiba, n. 24, p. 245-258, 2004. Editora UFPR.

ZABALZA, M. **Os dilemas práticos dos professores**. Revista Pátio. n.27. Ago/Out 2003.